

COLÉGIO SÃO LUÍS

**ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Dora Gragnano

**SONHAR:
Entre o Sagrado, o Simbólico e o Inconsciente**

**São Paulo
2025**

SONHAR:
Entre o Sagrado, o Simbólico e o inconsciente

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Metodologia de Iniciação Científica”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Monica Diniz

Aluna: Dora Gragnano

São Paulo
2025

*Dedico esse trabalho à minha mãe, Lovely Rita, por todo o amor, paciência e
força que sempre me inspiraram.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Luiz Moreno Reino, que esteve ao meu lado do início ao fim deste trabalho, oferecendo valiosos ensinamentos, sempre com leveza e bom humor.

Agradeço imensamente à psicóloga Manoela Nicoletti por sua generosidade em compartilhar suas experiências na entrevista que tanto contribuiu para este trabalho.

De maneira muito especial, agradeço à minha orientadora, Monica Diniz, por ser uma pessoa essencial para a construção deste TCC, guiando-me com paciência, dedicação e muita sabedoria.

E por fim, agradeço à minha grande amiga Victoria, por toda a sua ajuda e disposição nos ajustes e detalhes finais deste trabalho, que fizeram toda a diferença.

*O sonho é uma pequena porta escondida
no mais profundo e íntimo santuário da alma.*

Jung

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é realizar um trabalho comparativo entre dois autores (Freud e Jung), tomando como ponto de comparação a forma como cada um deles interpreta os símbolos no sonho. Inicialmente, o capítulo 1 apresenta um breve percurso sobre os sonhos ancestrais e define o objeto desta pesquisa. Depois, no capítulo 2, destaca-se a teoria dos símbolos nos sonhos em cada um dos autores; baseado sobretudo em *A interpretação dos sonhos* de Freud e em *O homem e seus símbolos* de Jung. No capítulo 3, apresenta-se duas entrevistas, uma com um analista freudiano e outra como uma analista junguiana. E em seguida, capítulo 4, compara-se a forma de trabalho de cada um dos analistas entrevistados. Por fim, no último capítulo, conclui-se que, apesar dos dois autores considerarem os símbolos no sonho como um mensageiro do inconsciente, cada um deles enfatiza um aspecto diferente: para Freud, os símbolos do sonho são interpretados no contexto de uma história pessoal, e o trabalho de interpretação é possibilitar uma reconciliação com os desejos recalçados; para Jung, os símbolos do sonho são interpretados em um contexto mais amplo que transcende a história pessoal, e o trabalho de interpretação é promover a individuação. Para um o inconsciente é individual, para outro é coletivo. O interessante foi reencontrar essa diferenciação nos dois analistas entrevistados.

Palavras-chave: Sonhos; Inconsciente; Simbolismo onírico; Freud; Jung

ABSTRACT

The objective of this research is to conduct a comparative study between two authors (Freud and Jung), drawing the way each interprets dream symbols. Chapter 1 initially presents a brief overview of ancestral dreams and defines the subject of this research. Chapter 2 then highlights each author's theory of dream symbols, drawing primarily on Freud's *The Interpretation of Dreams* and Jung's *Man and His Symbols*. Chapter 3 presents two interviews, one with a Freudian analyst and the other with a Jungian analyst. Chapter 4 then compares the work of each of the analysts interviewed. Finally, the final chapter concludes that, although both authors consider dream symbols as messengers of the unconscious, each emphasizes a different aspect: for Freud, dream symbols are interpreted in the context of a personal history, and the work of interpretation is to enable a reconciliation with repressed desires. For Jung, dream symbols are interpreted in a broader context that transcends personal history, and the work of interpretation is to promote individuation. For one, the unconscious is individual, for another, it is collective. It was interesting to rediscover this distinction in the two analysts interviewed.

Keywords: Dreams; Unconscious; Oneiric Symbolism; Freud; Jung

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho do Grande Feiticeiro feito pelo abade Henri Breuil (1877–1961).	13
Figura 2 - Oniro, oniros e o sonhar	16

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 OS SONHOS ANCESTRAIS.....	12
1.1.1 A noção da alma	14
1.1.2 A crença nos deuses	15
1.2 DOS DEUSES À PSICANÁLISE	17
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	18
2. A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS	20
2.1 FREUD - A DESCOBERTA DO INCONSCIENTE.....	20
2.1.1 O sonho como a realização de desejos.....	21
2.1.2 Conteúdo manifesto e conteúdo latente.....	22
2.1.3 Os mecanismos de formação dos sonhos.....	22
2.2 JUNG - INCONSCIENTE PESSOAL E INCONSCIENTE COLETIVO	24
2.2.1 Inconsciente pessoal.....	24
2.2.2 Inconsciente coletivo	25
2.3 OS SÍMBOLOS ONÍRICOS.....	26
2.3.1 A Casa – Por Freud	27
2.3.2 A Casa – Por Jung.....	28
2.3.3 A Serpente – Por Freud.....	29
2.3.4 A Serpente – Por Jung.....	30
2.3.5 O Cavalo – Por Freud	30
2.3.6 O Cavalo – Por Jung	31
2.4 UM SÍMBOLO, DIFERENTES SIGNIFICADOS.....	32
3. ENTREVISTAS COM PSICANALISTAS	33
4. ANÁLISE COMPARATIVA DAS ENTREVISTAS	42
5. CONCLUSÃO	45
6. REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

Acordados vivemos ligados ao mundo exterior, repleto de sons, imagens e acontecimentos concretos, mas ao fechar os olhos e adormecer experimentamos, ao sonhar, um mergulho em nosso mundo interior. Entramos em estado de inconsciência, nos desligamos dos estímulos exteriores e é como se fôssemos transportados para um filme em que somos os protagonistas, mas não conhecemos o roteiro, enredo, direção... O desfecho desse filme é incerto e talvez por isso, experimentamos tantos sentimentos durante o sonho: euforia, surpresa, desapontamento ou até raiva.

Ao despertar dessa experiência profunda muitas vezes nos perguntamos:

- Por que será que sonhei com isso?
- O que significam os elementos desses sonhos tão nítidos e cheios de emoção?
- Existe lógica por trás desse sonho?
- E ainda: Somos programados para sonhar?
- Sonhar é uma necessidade?

Essas são questões que há séculos intrigam a humanidade. Mistérios que nem a ciência, nem a religião, nem mesmo a psicologia conseguiram responder de forma definitiva. Pelo contrário, cada uma dessas áreas oferece interpretações distintas e, muitas vezes, conflitantes. O sonho permanece, assim, como um dos grandes enigmas da existência humana: uma ponte entre o consciente e o inconsciente, entre o real e o simbólico, entre o que sabemos e o que pressentimos.

1.1 OS SONHOS ANCESTRAIS

Desde que o homem surgiu ele sonha. Mas será que o conteúdo dos sonhos mudou muito?

Os sonhos dos homens paleolíticos provavelmente retratavam uma rotina de colheita de alimentos, fabricação de armas, caçadas, procriação e eram repletos de

pedras, ossos, animais. Foram encontrados desenhos desse período pré-histórico e cavernas de diversos continentes retratando figuras zoomórficas (misturas de seres humanos com outros animais) que provavelmente foram criadas em sonhos destes nossos antepassados.



Figura 1 - Desenho do Grande Feiticeiro feito pelo abade Henri Breuil (1877–1961).

Os traçados sobre ranhuras riscadas na pedra revelaram chifres de veado, olhos de coruja, patas de urso, rabo de cavalo ou lobo, pernas humanas e pênis ereto.

Presume-se que o fogo também aparecia nos sonhos pois era de suma importância para o homem pré-histórico, útil para se aquecer, cozinhar os alimentos e espantar animais perigosos na noite, possibilitando que o homem pudesse adormecer. O elemento fogo, aliás, é muito associado em sonhos à ideia de transformação. Para Carl Gustav Jung, o fogo é um elemento onipresente, arquétipo, que pauta nossos sonhos desde os primórdios até os dias atuais. Como o fogo, há outros arquétipos que nos acompanham de geração em geração, nas mais diferentes culturas como a figura do pai, da mãe, do ancião, do dilúvio, da criação.

Além desses símbolos, acontecimentos como nascimento, morte, sexualidade, doenças, entre outros, marcam enredos dos sonhos em qualquer lugar do planeta.

1.1.1 A noção da alma

Diante de tantas experiências noturnas, o homem pré-histórico provavelmente ao acordar, se reunia com sua tribo e as descrevia. Os sonhos mais “especiais” devem ter sido considerados auspiciosos, premonitórios e usados como um guia para a tomada de decisões de todo o grupo.

Muitos estudiosos acreditam que foi a partir da interpretação dos sonhos que se inicia o xamanismo. O xamã é um líder espiritual, com habilidades em se conectar com o mundo espiritual, guiando a aldeia em busca de cura e respostas para questões da alma. Segundo eles o xamanismo dará origem à religião, à medicina e à filosofia.

A ideia de alma e espírito, bem como a distinção entre mente e corpo, foi criada por conta dos sonhos, como acredita o “pai” da sociologia, o francês Émile Durkheim. Para ele, a experiência onírica ajudou a formar a ideia de alma e, por extensão, de seres espirituais, influenciando o surgimento das religiões. Segundo Durkheim, o sonho foi uma das bases para as primeiras representações do sagrado, pois revelava uma realidade invisível.

“Se durante o sonho se vê conversando com um de seus companheiros, acredita-se que é realmente ele quem aparece, embora seu corpo esteja ausente. Portanto, uma espécie de ‘duplo’ acompanha cada indivíduo e o representa nas circunstâncias em que seu corpo não está presente. Esse duplo é a alma.” (Les formes élémentaires de la vie religieuse, 1912).

Passando para o período Neolítico, onde as grandes inovações serão a agricultura e o sedentarismo, as principais preocupações do homem serão semear as sementes, domesticar os animais e prever mudanças ambientais. Os sonhos de caçadas a mamutes e aventuras grupais do Paleolítico serão substituídos por temas mais

complexos. A fertilidade e o ciclo da vida passam a ser temas recorrentes nos sonhos. Desse período, foram encontradas estatuetas de figuras femininas, pilões fálicos, estruturas circulares, provavelmente representando o ciclo da vida e da morte.

Nas grandes civilizações primitivas que surgiram milhares de anos depois como egípcia, maia, asteca e inca o sonho e a morte eram considerados estados semelhantes. O sono era uma prévia da morte e, por isso, os sonhos podiam revelar verdades sobre a vida após a morte.

1.1.2 A crença nos deuses

Provavelmente pela percepção da fragilidade da vida e do medo da morte e da impetuosa força da natureza, surge a ideia da existência dos deuses para explicar os mistérios da natureza, da vida e da morte. E o homem passa a temer e cultuar seus deuses.

Os egípcios acreditavam que os sonhos eram um meio de comunicação entre os deuses e os humanos e que, durante o sono, a alma (chamada ba) podia sair do corpo e viajar, recebendo instruções, visões ou avisos do mundo espiritual.

Nas civilizações helenísticas e romanas os sonhos ganham importância nas soluções terapêuticas para enfermos. Os doentes iam ao templo de Asclépio, Deus da medicina, onde passavam pela terapia de incubação de sonhos. Dormiam nos templos e ao despertar relatavam seus sonhos a um sacerdote que os interpretavam e recomendavam o tratamento de suas doenças.



Figura 2 - Oniro, oniros e o sonhar

Ex-voto em baixo relevo. Templo de Asclépio. Asclépio massageia o ombro de uma devota durante o sono em seu templo. À direita sua filha Higeia, personificação da saúde observa o tratamento. À esquerda, familiares da doente, representados em escala menor, se aproximam com postura suplicante.

1.2 DOS DEUSES À PSICANÁLISE

Com o surgimento da escrita, os homens puderam registrar conhecimentos e soluções para seus problemas comuns. Como tratar uma doença ou como enfrentar as intempéries. Os conselhos dos deuses estavam registrados e já não era necessário recorrer aos sacerdotes para interpretar sonhos e obter respostas aos dilemas humanos.

O mundo passava a pertencer cada vez menos aos deuses e cada vez mais aos humanos.

Em a *Ilíada* já é possível notar um homem mais introspectivo, que conversa mais consigo mesmo do que com os deuses. O herói Ulisses já não busca tantos conselhos divinos e passa a planejar suas ações baseado em suas reflexões.

Para estudiosos do tema, o homem introspectivo tem apenas cerca de três mil anos, e foi a partir da Idade Média que o sonho começou a mudar de papel na vida humana, deixando de ser protagonista nas respostas para dúvidas existenciais, agora a cargo da igreja católica, mas ainda assim ser uma espécie de oráculo sob uma ótica espiritual e religiosa. A Igreja via nos sonhos possíveis manifestações divinas, e muitos pensadores, como Santo Agostinho, refletiram sobre o seu valor moral e simbólico.

Um exemplo expressivo desse período é a obra *Lo somni*, escrita no século XIV por Bernat Metge, em que o autor utiliza o sonho como espaço de diálogo filosófico e reflexão sobre a alma, a morte e a condição humana. Nesse contexto, o sonho servia como meio de conhecimento e de aproximação com o sagrado, mostrando que, muito antes da psicanálise, já se reconhecia seu potencial introspectivo e simbólico.

Somente a partir da modernidade, com o fortalecimento do pensamento racional, do mercantilismo e, mais tarde, do protestantismo e seu pragmatismo, o sonho perdeu gradualmente seu prestígio. Deixou de ser uma experiência coletiva ou

espiritual para tornar-se uma vivência individual, frequentemente banalizada nos populares “manuais de interpretação de sonhos”.

É então, por volta de 1900, que surge a psicanálise, com Sigmund Freud, que passa a utilizar os sonhos como uma ferramenta essencial para explorar a mente humana. Diferente das práticas espirituais antigas, não se tratava mais de religião ou contato com o divino, mas de autoconhecimento no tratamento das chamadas “doenças da alma”, como a histeria. A importância dos sonhos foi, assim, resgatada, mas agora sob uma nova perspectiva: As respostas não vinham mais de fora para dentro, dos deuses para o homem, mas de dentro para fora, do inconsciente para o consciente do indivíduo.

É importante citar que, apesar da ideia de que a interpretação dos sonhos é um importante recurso para o tratamento psicológico ser aceita e praticada pela psicologia moderna, ela não encontra eco na maior parte da comunidade científica, que entende os sonhos têm funções cognitivas e emocionais, envolvendo memória, regulação emocional e criatividade.

Alguns cientistas como o biólogo inglês, Francis Crick (1916–2004) ganhador do prêmio Nobel pela decodificação do DNA, minimizam ainda mais o significado do sonho. Para ele os sonhos não possuem sentido e não passam de fragmentos de memórias montados ao acaso para serem decodificados no córtex cerebral, liberando espaço de armazenamento para novas memórias. Um “desaprendizado” para que o sistema não sature. Essa ideia é no entanto, contrariada pela existência dos sonhos recorrentes pois se as memórias foram decodificadas como afirmou Crick, então elas não deveriam reaparecer em novos sonhos.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

A presente pesquisa busca entender o que símbolos contidos nos sonhos podem revelar sobre nós, com enfoque na interpretação dos sonhos a partir da criação de Psicanálise por Sigmund Freud e da Psicologia Analítica por Carl Gustav Jung.

Apresentaremos, de forma sintética, os métodos de análise dos sonhos propostos por Freud e Jung. Para ilustrar essas abordagens, serão analisados exemplos de sonhos interpretados por ambos os autores que apresentam símbolos semelhantes.

Além disso, serão realizadas entrevistas com dois psicólogos — um de orientação freudiana e outro de orientação junguiana — a fim de compreender como cada abordagem aplica a interpretação dos sonhos na prática clínica, bem como identificar convergências e divergências entre as terapias fundamentadas nessas duas correntes teóricas.

Em suma, o que se propõe é um trabalho comparativo: gostaríamos de compreender melhor como cada autor (Freud e Jung) interpreta o símbolo no sonho.

2. A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

2.1 FREUD - A DESCOBERTA DO INCONSCIENTE

Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico neurologista austríaco reconhecido como o fundador da psicanálise. Ele inicia sua carreira em Viena, em 1881. No outono de 1885, viaja a Paris a convite de um dos maiores neurologistas da época, Jean-Martin Charcot, que apresenta ao jovem estudante um mistério que Freud passaria a vida tentando desvendar: o poder das forças mentais que se escondem por trás da consciência. Freud se especializa em neurologia e começa a tratar pacientes com distúrbios nervosos.

No início, Freud estava intrigado com o fenômeno da histeria e a tratava com eletroterapia (choques elétricos), método que rapidamente descarta. Em seguida, passa a se aprofundar na hipnose, estimulando seus pacientes a contarem suas histórias em transe. Porém, como também não obtém resultados satisfatórios, acaba abandonando gradualmente a hipnose e criando seu próprio método: a “livre associação”. Ele encoraja seus pacientes a falarem livremente e deixarem os pensamentos fluírem, relatando tudo o que lhes viesse à mente, inclusive sonhos, por mais absurdos e sem sentido que parecessem.

Foi assim que Freud transformou o paciente passivo da hipnose em uma espécie de “informante”, fornecendo dados que serão associados pelo analista, identificando padrões, resistências e conflitos. Freud afirmou, na época, que seu trabalho, de certa forma, se assemelhava ao de um arqueólogo, “tirando todo material físico e patogênico camada por camada” e, a partir de fragmentos do passado, lutava para interpretar o presente.

Na noite em que perdera seu pai, Freud sonhou que havia uma placa com os dizeres “agora você deve fechar os olhos” concluiu que o sonho se referia a algo sobre o pai que ele preferia não ver.

“A morte de meu pai me abalou muito. Sinto como se algo me fora arrancado. A morte de meu pai revolucionou minha alma. Dentro de mim o passado foi reavivado. A infância de Freud voltava a memória numa torrente de sonhos perturbadores e lembranças quase esquecidas.” (Documentário *O Jovem Freud*, BBC)

Para Freud, o homem é um animal em conflito. “Não somos nossos senhores. Parte de nossas vidas é guiada por nosso inconsciente, que não conhecemos” (FREUD, 1915, p. 191). Ele se debruçou no estudo do inconsciente de forma sistemática, estudando os seus próprios sonhos e os de seus pacientes.

Em 1900, publica o livro “A interpretação dos sonhos”, em que explica sua tese de que **os sonhos são a realização de desejos reprimidos**, através de imagens simbólicas. Nessa obra, Freud interpreta 223 sonhos, sendo 47, seus próprios sonhos e o restante de pacientes, amigos e familiares.

2.1.1 O sonho como a realização de desejos

Em sua célebre obra, Freud afirma que, as vezes os desejos contidos nos sonhos são fáceis de se perceber, como por exemplo nos sonhos infantis, como a criança ainda não tem tantos conteúdos, vivências de vida e tantos quereres recalçados.

“Os sonhos de crianças pequenas são frequentemente pura realização de desejos e são nesse caso muito desinteressantes, se comparados aos sonhos dos adultos”.
(FREUD, 1996, p. 161-162)

Ele cita o exemplo do sonho de seu filho que em uma viagem não conseguiu fazer um passeio que tanto queria. De noite, a criança sonhou que realizava o tal passeio. Já na vida adulta, há censura e recalçamento de sentimentos e desejos, assim a interpretação dos sonhos será muito mais complexa, já que os conteúdos são mascarados por símbolos, e se mostram confusos e sem sentido, para que a mente consciente os aceite, mesmo durante o sono. Por exemplo, um homem sentia raiva do irmão, mas não admitia isso conscientemente. Durante o sonho, essa raiva aparecia de forma simbólica, através da imagem do irmão caindo da escada.

2.1.2 Conteúdo manifesto e conteúdo latente

Essa é uma diferenciação bem importante na obra *A Interpretação dos sonhos* (1900). Freud considera que é possível interpretar os sonhos cientificamente. Partindo do *conteúdo manifesto*, isto é, do relato do sonho, pode-se chegar ao seu *conteúdo latente*, que é são os pensamentos reprimidos que alimentam aquele sonho. Vale precisar melhor essas noções. O *conteúdo manifesto* é basicamente o relato do sonhador, as imagens e acontecimentos contidos nos sonhos que ele se lembra ao despertar. Vale notar que isso já é diferente do próprio sonho, já um relato sobre o sonho. Já o *conteúdo latente*, por outro lado, seria o significado verdadeiro do sonho que está “escondido”: ideias, impulsos, sentimentos reprimidos e desejos inconscientes. Todo o trabalho do psicanalista, como os sonhos, seria, partindo do manifesto, chegar ao latente. Esse seria um trabalho interpretativo, em que tudo que aparece no sonho pode ter um sentido diferente.

Em seu artigo, Conteúdo Manifesto | Conteúdo Latente, a psicanalista brasileira Ondina Lopes Ceppas Resende explica que, com base na relação entre *conteúdo manifesto* e *conteúdo latente*, os sonhos podem ser divididos em 3 categorias:

- Os que fazem sentido
- Os que não fazem sentido
- Os confusos e desconexos

Quanto mais rigorosa a censura, maior o disfarce dos sonhos para não vir à tona o desejo recalcado. A censura existe a fim de impedir a produção de angústia ou afetos aflitivos. Por isso, quando um desejo foge da censura, total ou parcialmente, ocorrem os “sonhos de angústia” ou “sonhos de ansiedade”,

2.1.3 Os mecanismos de formação dos sonhos

Freud identificou alguns mecanismos pelos quais o inconsciente transforma os desejos em imagens oníricas. São portanto, segundo Garcia-Roza (2011) mecanismos de defesa fundamentais do sonho e agem através da distorção do “conteúdo latente” ou “restos diúrnos”, como também são conhecidos, para que esse conteúdo não se revele, evitando o sofrimento do sonhador. Seriam 4 mecanismos: a Condensação, o Deslocamento, a Figuração e a Elaboração Secundária.

Algo importante de se notar nesses mecanismos do sonho é que eles sempre tendem a fazer duas coisas ao mesmo tempo. Por um lado eles expressam o conteúdo latente, o que está recalcado; por outro lado, eles deformam de tal modo o conteúdo latente que ele não pode mais ser reconhecido. Esse, para Freud, é o conflito fundamental dos sonhos.

- **Condensação:** Esse mecanismo pretende abreviar (resumir) o conteúdo manifesto (acontecimentos e imagens dos sonhos). Dessa forma, os sonhos ocultam ou deformam elementos, ou ainda, combinam e apresentam todos os elementos do conteúdo latente em apenas um elemento. Por exemplo, um sonho em que uma figura possui características de várias pessoas: o jeito de falar da mãe, as roupas da irmã, o cabelo da esposa, concentrando múltiplas ideias e emoções. Outro exemplo: quando junta dois homens numa imagem só, pai e professor. A condensação nunca é aleatória, para Freud. Ela sempre quer dizer que, no inconsciente, aquelas pessoas se juntam, se fundem, tendem a ser vistas da mesma forma, bem como tendemos a tratá-las de um jeito parecido.
- **Deslocamento:** A importância emocional de uma ideia é transferida para outra imagem menos ameaçadora. A representação que a substitui é associada a ela, porém de forma deformada. Por exemplo, uma pessoa que está com medo de perder o emprego (o que gera grande carga emocional), sonha que perdeu a chave (uma perda menos ameaçadora). O deslocamento permite que as emoções importante sejam expressas, mas "no lugar errado", digamos assim.
- **Figuração:** Os desejos inconscientes são transformados em cenas visuais. Por exemplo, uma pessoa que se sente sobrecarregada de responsabilidades pode sonhar que carrega uma mala pesada. Na verdade, o sonho todo é uma

figuração, uma imagem visual. A figuração transforma o conteúdo latente em imagem.

- **Elaboração Secundária:** O sonho é modificado de forma que ele apareça como uma história coerente e compreensível, perdendo sua aparência absurda. O analista interpreta então o relato do paciente, entendendo que este sabe o significado de seu sonho, mas o censura e acaba não percebendo que o sabe. Por exemplo, uma pessoa sonha com imagens e acontecimentos estranhos, mas ao acordar, relata o sonho de forma que faça sentido.

2.2 JUNG - INCONSCIENTE PESSOAL E INCONSCIENTE COLETIVO

Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um médico psiquiatra suíço e um dos principais nomes da psicologia moderna. Filho de um reverendo, Jung foi muito influenciado pela religião em sua infância. Na juventude, se interessou por filosofia e literatura. A dificuldade em conciliar ciência e espiritualidade levou Jung até a psiquiatria.

“Lá (na psiquiatria) estava o campo comum de experiências dos dados biológicos e dos dados espirituais que eu buscara. Um lugar em que o encontro da natureza com o espírito se torna realidade” (JUNG, 2008, p. 57)

Em 1907 Jung e Freud trabalham juntos, porém em 1913, há o rompimento da parceria. Jung acredita que esse acontecimento veio pelo fato de não acreditar que a maior parte dos conflitos do inconsciente eram de natureza sexual, como propunha Freud. Além disso, havia uma grande diferença na forma como entendiam o inconsciente. Para Jung o inconsciente era dividido em duas partes: o Inconsciente pessoal e o Inconsciente coletivo.

2.2.1 Inconsciente pessoal

Para Jung, o inconsciente pessoal é onde ficaria o material reprimido dos complexos da pessoa. Jung o estruturou da seguinte forma:

- **Ego:** O centro da consciência, o eu.
- **Persona:** Uma máscara que usamos socialmente e que mostra como gostaríamos de ser vistos e não como realmente somos.
- **Sombra:** Tudo o que rejeitamos e escondemos de nós mesmos. Geralmente são características negativas.
- **Anima/animus:** Na mulher o animus representa suas características masculinas e no homem, A anima representa suas características femininas.

2.2.2 Inconsciente coletivo

Jung acreditava que o inconsciente coletivo era repleto de “arquétipos” herdados de nossos antepassados

Mas o que seriam os arquétipos?

“Assim, como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica, devemos esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história. Refiro-me ao desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente no homem primitivo, cuja psique esteve muito próxima a dos animais.” (JUNG, 2002, p. 57)

O arquétipo seria inato como o instinto. A diferença é que o instinto é um impulso fisiológico (ex: ave fazendo um ninho) e o arquétipo é um impulso simbólico, ou seja, a manifestação involuntária de símbolos muitas vezes ocorridas nos sonhos (ex: associar a ideia de sábio a uma imagem de velho de barba branca segurando um cajado).

- **O Self:** Nosso arquétipo principal. No centro do inconsciente coletivo está o arquétipo mais importante: o si-mesmo. Ele representa a totalidade da psique, a união entre consciente e inconsciente, e é considerado o objetivo do processo de individuação, ou seja, o caminho para a pessoa se tornar verdadeiramente quem ela é. Quando um sonho mostra símbolos ligados ao si-mesmo (como mandalas, espelhos, luzes, ou figuras divinas), ele pode

estar indicando um momento de grande transformação ou de busca interior. Jung utilizava a amplificação, relacionando os símbolos dos sonhos com mitos, arte, religião e cultura para entender o significado mais profundo.

Uma diferença crucial na análise de sonhos entre os dois pensadores, Freud e Jung, é que, enquanto para Freud os sonhos **escondem e disfarçam** desejos difíceis de aceitar como desejos sexuais ou agressivos, que são reprimidos por entrarem em conflito com normas sociais e morais, para Jung, os sonhos são uma porta de entrada para uma dimensão mais ampla, não apenas pessoal, mas coletiva. Jung considerava os sonhos como mensageiros do inconsciente, Freud também, mas a mensagem que esse mensageiro traz parece ser diferente para cada autor.

Para Jung, os símbolos são expressões da sabedoria interior, buscando integrar o consciente e o inconsciente da mente, levando ao autoconhecimento e ao processo de individualização. Assim, os sonhos são janelas para o inconsciente coletivo, compartilhando arquétipos universais. A terapia Junguiana analisa sobretudo os símbolos contidos nos sonhos, buscando padrões recorrentes, ricos em significados.

Em sua obra “O Homem e Seus Símbolos” (1964), Jung apresenta os princípios fundamentais da psicologia analítica, como o inconsciente coletivo, arquétipos e sonhos. Aborda como os símbolos se manifestam nos sonhos, usando muitas imagens e exemplos de análises de sonhos.

2.3 OS SÍMBOLOS ONÍRICOS

Tanto Freud como Jung definiram significados para os símbolos contidos em sonhos. Por esse motivo, escolhemos os símbolos dos sonhos como foco de nossa pesquisa a fim de entender o processo de interpretação dos sonhos. Não apresentaremos os símbolos de forma enciclopédica evitando construir um “livro de receitas” de interpretação de sonhos. Nesse sentido, escolhemos apenas algumas imagens que analisaremos no contexto dos sonhos narrados. É ainda importante ressaltar que mesma imagem pode significar coisas diferentes em sonhos diferentes

da mesma pessoa, e isso provavelmente ocorrerá por certo, quando a mesma imagem é sonhada por pessoas distintas. Além de ser de suma importância considerar a história de vida de cada paciente e principalmente as associações que este faz às imagens relatadas.

Os símbolos selecionados para a análise são:

- 1) A casa
- 2) A serpente
- 3) O cavalo

2.3.1 A Casa – Por Freud

“A casa é, com frequência, um símbolo do corpo humano em sua totalidade. Os cômodos correspondem às partes do corpo, e a visita a essas partes (como abrir uma porta ou entrar num quarto escuro) pode representar investigações ou desejos inconscientes.” (FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos, p. 399-400)

Análise de um sonho do próprio Freud: “A Injeção de Irma” “Eu vejo minha paciente Irma em frente à janela. [...] Nós estamos em uma casa grande, onde há uma festa. Eu a levo para outro cômodo para examiná-la. [...] Passamos por outros quartos, até encontrar um onde há um divã.” (Freud, A Interpretação dos Sonhos, Cap. II)

Interpretação de Freud

Irma era uma paciente de Freud que sofria de sintomas histéricos. Freud se sentia insatisfeito com os resultados de seu tratamento. Freud aplicou seu método de livre associação e percebeu que o conteúdo manifesto (a lembrança do sonho) ocultava um conteúdo latente, que revelava suas preocupações mais profundas: o seu fracasso como médico no tratamento da paciente. O sonho é longo e repleto de acontecimentos, mas a análise se concentrará na simbologia da casa.

A casa onde ocorre a festa representa a mente de Freud — um lugar com múltiplos compartimentos, que ele precisa percorrer para chegar à verdade inconsciente. Os

quartos por onde ele passa simbolizam níveis do inconsciente ou partes da mente — Freud está literalmente “entrando” em sua própria psique. O divã no quarto (onde ele examina Irma) é um símbolo da prática psicanalítica, mas também pode representar o desejo inconsciente de controle e compreensão total do outro.

2.3.2 A Casa – Por Jung

Para Jung, a casa é a alma, e os andares representam os níveis da psique, num movimento de integração entre consciente e inconsciente.

O sonho a seguir foi sonhado por Jung que o considerou um sonho “luminoso”, já que de extrema importância na construção de sua teoria do inconsciente coletivo. No entanto foi justamente esse sonho que colaborou para seu rompimento com Freud em 1913. Naquele momento, os dois médicos compartilhavam e analisavam seus próprios sonhos um com o outro como parte de suas pesquisas sobre o inconsciente. Ele relata que o sonho era muito rico em detalhes e se chateou por Freud se ater apenas aos crânios encontrados e insistiu que encobriam um desejo de morte por parte de Jung.

“Eu estava em uma casa que não conhecia, que tinha dois andares. Era a “minha casa”. Encontrei-me no andar superior, onde havia uma espécie de salão mobiliado com belas peças antigas em estilo rococó. Nas paredes, pendiam várias pinturas antigas e preciosas. Imaginei que aquela deveria ser a minha casa e pensei: “Nada mal”. Mas então me ocorreu que eu não sabia como era o andar de baixo. Descendo as escadas, cheguei ao térreo. Lá, tudo era muito mais antigo. Percebi que aquela parte da casa devia datar do século XV ou XVI. Os móveis eram medievais, os pisos eram de tijolos vermelhos. Em todos os lugares, era bastante escuro. Passei de um cômodo para outro, pensando: “Agora preciso mesmo explorar a casa inteira”. Encontrei uma porta pesada e a abri. Atrás dela, descobri uma escada de pedra que levava a um porão. Descendo novamente, encontrei-me em uma sala lindamente abobadada que parecia extremamente antiga. Examinando as paredes, descobri camadas de tijolos entre os blocos de pedra comuns e lascas de tijolo na argamassa. Assim que vi isso, soube que as paredes datavam da época romana. Meu interesse agora era intenso. Examinei o chão mais atentamente. Era de lajes de pedra e em uma delas descobri um anel. Quando o puxei, a laje de pedra se levantou e novamente vi uma escada de degraus estreitos de pedra que levava às profundezas. Desci também por eles e entrei em uma caverna baixa escavada na rocha. Poeira espessa jazia no chão e, na poeira, ossos espalhados e cerâmica quebrada, como restos de uma cultura primitiva. Descobri dois crânios humanos, obviamente muito antigos, e meio desintegrados. Então acordei.” Memórias, sonhos e reflexões, Carl Gustav Jung

Interpretação de Jung:

Jung deixa claro que não se trata de uma casa qualquer, mas da sua casa, "minha casa". Uma vez que se esteja munido do conceito de inconsciente coletivo, o resto se desenvolve de forma bastante orgânica. À medida que desce pelos pavimentos de sua casa, ele desce pelas camadas de sua própria psicologia, psique ou alma. O que ele descobre é que cada camada sucessiva o corresponde a um tempo na história do homem, sua ancestralidade. De modo que ele começa em seu espaço de vida pessoal no andar superior e termina nas raízes pré-históricas compartilhadas por toda a humanidade.

2.3.3 A Serpente – Por Freud

“A maioria dessas criaturas que são utilizadas como símbolos genitais na mitologia e no folclore desempenha esse papel também nos sonhos: o peixe, o caracol, o gato, o rato (por causa dos pelos genitais), mas antes de tudo a serpente, que é o símbolo essencial do órgão masculino.” (FREUD, A Interpretação dos Sonhos, p. 245)

Sonho de Anna O. Anna sonha estar ao lado do pai enfermo. De repente, uma serpente negra aparece e a morde. Ela não consegue impedir e sente seu braço paralisar. Depois, percebe que seus dedos se transformam em pequenas cobrinhas, que também mordem o pai. Ela observa, impotente, até acordar.

Interpretação segundo Freud: O caso de Ana O. é considerado por muitos como o caso mais importante da psicanálise. Foi publicado no livro “Estudos sobre a histeria. Esse sonho ajudou Freud a consolidar a ideia da existência do inconsciente.

A serpente é um símbolo fálico, em termos freudianos, a serpente pode estar relacionada a impulsos sexuais reprimidos ou conflitos internos relacionados à sexualidade, que poderiam estar contribuindo para os sintomas histéricos de Anna.

Após a interpretação do sonho, Anna O. apresenta melhora em seus sintomas físicos, mostrando o efeito terapêutico da análise.

2.3.4 A Serpente – Por Jung

Relato de mulher com “cobra no ventre”

Jung narra o relato de uma paciente de 28 anos que dizia sentir “uma serpente negra enrolada em seu abdômen”. No decorrer da análise, ela afirmou que a cobra “subiu e saiu pela boca, com a cabeça brilhante de ouro”.

Interpretação segundo Jung: Essa imagem é considerada arquetípica, relacionando-se com a energia da Kundalini, um antigo símbolo indiano de transformação interior. Jung observou que, apesar de não ter contato com a cultura indiana, a mulher manifestou uma imagem simbólica universal — uma expressão do inconsciente coletivo.

2.3.5 O Cavalo – Por Freud

Para Freud, o cavalo costuma estar relacionado a impulsos sexuais e à energia instintiva reprimida. Em seus escritos, ele associa o cavalo ao pai e à castração, como no famoso caso do pequeno Hans (um menino que desenvolveu fobia de cavalos).

O sonho de Hans (resumo narrado):

Um grande cavalo veio para dentro de casa e tenta morder Hans. Ele acorda assustado e começa a desenvolver medo de cavalos. Com o tempo, esse medo se intensifica — Hans tem pavor de sair na rua e ver cavalos, especialmente se eles estiverem puxando carroças.

Freud interpreta esse sonho como um deslocamento do medo que Hans sentia de seu próprio pai, dentro do contexto do complexo de Édipo. O Cavalo simboliza o pai, que Hans via como uma figura poderosa e ameaçadora (principalmente porque Hans tinha desejos inconscientes pela mãe e rivalidade com o pai). Morder = castração simbólica: O ato de o cavalo tentar morder Hans é interpretado por Freud como uma ameaça de castração (o medo de punição por seus desejos edípicos). • Deslocamento: Como Hans não podia admitir esse medo diretamente (nem sabia disso conscientemente), ele deslocou o medo do pai para os cavalos — o que gerou a fobia.

“O cavalo era o substituto do pai temido, e o medo que Hans sentia do cavalo representava o medo da figura paterna.” (Análise da Fobia de um Menino de Cinco Anos, 1909)

2.3.6 O Cavalo – Por Jung

“O cavalo é um símbolo da energia vital que pulsa no inconsciente.”
(C.G. Jung, Símbolos da Transformação)

Uma mulher sonha que está cavalgando um cavalo preto e forte por uma floresta escura. No início ela está com medo, mas logo percebe que o cavalo parece conhecer o caminho. Ela solta as rédeas e permite que o cavalo a conduza. Aos poucos, a floresta se abre e ela chega a uma clareira iluminada, onde se sente em paz.

Jung interpreta esse tipo de sonho como um processo simbólico de transformação interior, ligado à jornada de autoconhecimento. O cavalo preto representa a força instintiva e inconsciente da sonhadora — algo selvagem, mas poderoso. É uma imagem arquetípica da energia vital que existe dentro de todos nós. A floresta escura é o símbolo do inconsciente, onde a razão não domina. Soltar as rédeas significa deixar de tentar controlar racionalmente tudo e confiar mais nos próprios instintos e intuições. A clareira iluminada representa o encontro com o si-mesmo (o centro da psique, na teoria de Jung), um momento de clareza, paz e integração interior.

2.4 UM SÍMBOLO, DIFERENTES SIGNIFICADOS

A partir dos casos apresentados, nota-se que para Freud os símbolos revelam desejos e sexualidade vividos na infância, dilemas com figuras maternas e paternas e a sua própria censura inconsciente. Nos exemplos, as análises de Freud sugerem impulsos reprimidos, complexo de Édipo e castração.

Já Jung interpreta os símbolos como manifestações do inconsciente coletivo, estruturas arquetípicas que não necessariamente fazem parte das experiências pessoais do sonhador. A casa pode representar o mapa da alma; a serpente, o símbolo da transformação interior; o cavalo, a energia vital que conduz à integração. Mesmo sem conhecer as culturas que originaram certos mitos, o indivíduo sonha com imagens universais que carregam sabedoria ancestral. E a interpretação pode ajudá-lo no processo de autoconhecimento.

Feito esse percurso, podemos tentar fazer uma síntese comparativa: para Freud, os símbolos do sonho abrem para uma história pessoal e infantil do sonhador; já para Jung, os símbolos dos sonhos abrem para uma história mais ampla, não só pessoal, mas coletiva. Um mesmo símbolo pode ser expressão de um desejo reprimido pessoal (Freud) ou de um impulso de transformação coletiva (Jung).

3. ENTREVISTAS COM PSICANALÍSTAS

Para aprofundar a reflexão proposta sobre os sonhos e suas perspectivas, foram realizadas entrevistas com dois psicólogos de linhas diferentes: Manoela Nicoletti, que trabalha a partir da linha da Psicologia Analítica, criada por Jung e Luiz Moreno Reino, que segue a linha da Psicanálise, criada por Freud. As entrevistas foram feitas por escrito, a partir de um mesmo conjunto de perguntas, de modo que fosse possível enxergar as semelhanças e diferenças entre as duas abordagens.

O roteiro enviado foi composto pelas seguintes questões:

1. Como a sua linha de terapia interpreta os sonhos?
2. Como o psicanalista da sua preferência (Freud ou Jung) interpreta os sonhos?
3. Como a interpretação do sonho pode ser uma porta de entrada para o inconsciente?
4. Você poderia falar alguns tópicos da sua linha de terapia e comentar um caso específico que possa ter chamado a sua atenção?

Entrevista com Luiz Moreno Reino

Entrevistadora: Dora Gagnano

Data: 11/09

Forma de realização: Entrevista online com respostas enviadas por escrito

Breve currículo do entrevistado:

Fez graduação, mestrado e doutorado em psicologia, além de formação em psicanálise pela Sociedade de Psicanálise de São Paulo, da qual é membro e onde leciona. Trabalha em consultório particular e aproveita seus momentos de lazer com sua esposa, sua filha e seu fiel companheiro, o cachorro vira-lata Tupi.

1- Como a sua linha de terapia interpreta os sonhos?

Luiz Moreno Reino: Não sei ao certo se tenho uma linha de terapia específica. Sou psicanalista, é verdade. Mas a psicanálise tem tantas divisões internas...No final das contas, dizer que sigo uma *linha de terapia psicanalítica*, é dizer pouco. Ao dizer isso sinto que estou mais escondendo do que revelando. Agora, se colocassem uma arma na minha cabeça (cena não rara no atual contexto da nossa cidade), e me obrigassem a responder a pergunta, eu diria que estudei bastante dois autores: o clássico Freud, e um autor brasileiro, pouco conhecido, que se chama Fabio Herrmann. Eu tento, de algum modo, provavelmente de um modo bem pessoal, seguir uma linha que liga esses dois autores. Algo assim...

Como ficam os sonhos no meu modo de trabalho? Volta e meia, algum paciente relata um sonho. Alguns mais, outros menos. Costuma ser um momento importante para a análise. Uma possível abertura para alguma coisa nova. Vou dar um exemplo de uma paciente que sonhava bastante. Ela buscou análise em um momento de separação do marido. O motivo da separação era vago, ela dizia que ele não se implicava com a vida, não era ambicioso. E ela parecia bem orgulhosa de si mesma de levar adiante essa separação. Nos sonhos que ela me trazia, no entanto, estranhamente, aparecia uma outra versão de si mesma. Lembro de um sonho em que ela se recusava a assinar um cheque; e que, depois de uma longa série associativa, ela ligou a assinar os documentos de separação do cartório. Num outro sonho ela se recusava a receber visitas em casa; as visitas eram de homens que ela conhecia; que justamente, descobrimos isso na análise, eram homens ambiciosos. A palavra *recusa* era recorrente, nota-se. Ou seja, nessa outra versão de si, que só aparecia nos sonhos, ela se mostrava bem diferente. Não queria assinar o divórcio, não queria receber os homens ambiciosos (opostos ao marido, e de certa forma futuros pretendentes)... Os sonhos então nos apresentavam um *outro Eu* dela, digamos assim. Um outro “Eu” bastante contrastante com o Eu da vigília. Um dia eu disse, de leve: “talvez você não queira tanto se separar”. Isso abriu alguns pensamentos que até então pareciam bloqueados. Ela passou a falar das amigas, e também passou a sonhar com as amigas. Bom, não vou contar todo o caso, não é o intuito. Mas o que se revelou foi ela estava mais preocupada com o olhar das amigas do que com investigar o que ela mesma queria: o olhar das amigas a empurrava para a separação, o que talvez no íntimo ela não quisesse. Nessa análise, os sonhos tiveram um papel crucial. Mas nem sempre é assim.

Então a princípio é isso. Respondendo: na "minha" linha de terapia o sonho é entendido como uma possibilidade de interpretação da vida concreta do paciente. O sonho pode apresentar uma outra versão de si mesmo, que não cabe na identidade do paciente. Identidade, vamos definir, é a representação que o paciente tem de si mesmo: uma auto-representação. No fundo, todos nós excluimos uma parte de nós mesmos para sermos o que somos. Essa parte excluída retorna nos sonhos.

2- Como o psicanalista Freud interpreta os sonhos?

Luiz Moreno Reino: Perguntona. Essa pergunta daria uma longa tese. Vou me limitar a destacar alguns pontos que acho importantes. Pode ser?

Numa entrevista, perguntaram para o Freud: entre os vários textos e livros que você escreveu (que de fato foram muitos), quais você considera os mais importantes? E ele respondeu dois livros: *A interpretação dos sonhos* e *Totem e tabu*. O primeiro é de 1900, virada do século; e o segundo é 1913. Acho bonita a forma como ele se expressou: “nesses dois livros eu estou por inteiro”. Cada um desses livros apresenta (dizendo melhor, inaugura) uma técnica diferente para o psicanalista: o livro dos sonhos traz a técnica da *interpretação*, e o livro sobre totem e tabu traz a técnica da *construção*.

Construção é uma tentativa de reconstruir o passado. Similar a de um arqueólogo que acha um fragmento de cerâmica e depois reconstrói o vaso inteiro. Ou o do paleontólogo que reconstrói o dinossauro a partir de pedaços de ossos. Freud gostava dessa analogia da psicanálise com a arqueologia. Talvez a psicanálise seja uma arqueologia da alma. O Fabio — aquela autor brasileiro que estudo — dizia que às vezes (quando pratica a construção) o psicanalista parece “uma cartomante às avessas”. A cartomante adivinha o futuro, e o psicanalista adivinha o passado. Ele era um autor bem humorado.

Já a interpretação é outra coisa. Interpretar é possibilitar que surja um novo sentido. Veja que a analogia muda, não é mais a do arqueólogo, ou paleontólogo. Mas a de uma parteira. Interpretar é desobstruir para que novos sentidos surjam. É induzir para que apareçam novas representações de si mesmo. Observe que induzir é um verbo obstétrico, “induzir o parto”, dizemos.

Como o Freud propõe que façamos isso? Ele tinha uma técnica bem interessante. Primeiro tem uma recomendação que eu acho preciosa. Ele diz (algo assim, cito de cabeça): “não peça ao paciente associações *em massa*, só peça associações *em detalhe*”. Ele quer dizer com isso que não devemos pedir ao paciente que associe a partir o sonho como um todo; por exemplo, perguntar: “Ao que esse sonho te remete?”,

“Você associa esse sonho com algo mais?”. São perguntas muito vagas e muito genéricas. A resposta, em geral é um branco total: “Não me remete a nada”. Devemos, isso sim, pedir associações em detalhe, por exemplo: “E esse abajur vermelho que apareceu em seu sonho? Você lembra de o ter visto em algum lugar?”. Essa sugestão técnica do Freud serve para várias coisas, ao meu ver. Lembro quando estava no cursinho, me preparando para a tortura do vestibular, um professor disse que jamais devemos olhar para prova e perguntar: “o que eu sei?”. Isso só conduz ao vazio e ao terror. Mas se com calma vamos vendo, conteúdo por conteúdo, questão por questão, talvez saibamos alguma coisa. É mais ou menos assim que Freud recomenda que interpretemos os sonhos. Partimos os sonhos em pedaço, e pedimos ao paciente que associe a partir de cada parte.

Faça isso com os próprios sonhos, se quiser ser psicanalista, ele recomendava. Pegue o sonho, divida ele em partes, e associe a partir de cada parte. Logo você verá que as associações encontram coisas, pessoas, cenas do dia anterior ao sonho. A isso Freud chamava de *restos diurnos*. É lindo acompanhar, com calma (é claro), a argumentação d'*A interpretação dos sonhos*. Lá onde faço minha formação, ficamos um ano lendo esse livro. E é pouco.

Mas, enfim, a ideia central do livro (daquele tijolão) é uma só: “O sonho é um realização distorcida de um desejo recalcado”. Recalcado ou reprimido, a depender da tradução, e os psicanalistas adoram brigar pelas palavras. Mas o que quer dizer essa ideia central? Primeiro que o sonho é uma realização de desejo, mas não uma realização imediata, e sim distorcida. E não de qualquer desejo, e sim de um desejo recalcado. Ou seja, a pessoa sequer sabe que tem aquele desejo que está realizando no sonho. Deu para entender? Vamos por partes, como ele mesmo recomenda.

O sonho é uma realização de um desejo. Isso fica claro nos sonhos de crianças. Tem um sonho famoso da filha do Freud: ela sonha que está comendo uma torta de morangos (ou será framboesa?), e no dia anterior a coitadinha não pode comer uma torta por conta de uma doença, acho. Eu devia conhecer melhor esse sonho, já que é famoso. Mas a ideia é essa: nos sonhos de criança as distorções dos sonhos são menores. O desejo se apresenta mais facilmente sem filtros.

Nos adultos é diferente. Entram em cena alguns mecanismos do sonho: a condensação, o deslocamento, a figurabilidade, e a elaboração secundária. Ai teríamos que ler juntos *A interpretação* para entender melhor cada um desses mecanismos. Mas a ideia é simples. Cada um desses mecanismos distorce o desejo realizado no sonho.

Tem também a questão do simbolismo no sonho. Essa é uma questão polêmica na psicanálise. Porque o Freud escreve *A interpretação dos sonhos* para ir contra duas tendências opostas. Uma é que o sonho não tem sentido algum; e outra é que o sonho tem um sentido fixo. Se os elementos do sonho tem um sentido fixo é possível criar um dicionário dos sonhos. Quando eu era pequeno, existiam livros assim nas bancas de jornais. Não sei se existem mais. A ideia é: sonhou com tal coisa — significa isso aqui. Um simbolismo bem restrito e arbitrário. O que o Freud afirma é que o sentido dos sonhos depende das associações do sonhador. Não é mesma coisa uma pessoa sonhar com uma cobra e outra sonhar com também uma cobra. Mas apesar de ir contra esses dicionários dos sonhos, o Freud não abre mão de recorrer às vezes ao simbolismo na hora da interpretação. E, a bem da verdade, os psicanalistas pós-freudianos não gostaram desses uso. Se dá porém que o simbolismo que Freud recorre tem alguns elementos particulares: é novo, tem a ver com as descobertas da psicanálise, e só entra em cena se as associações do paciente pararem. O que quer dizer que em última instância, na interpretação dos sonhos, o valor maior é dado às associações do paciente. O simbolismo entra como um complemento, inclusive, como estímulo para as associações.

Mas por que o desejo precisa ser distorcido? Por que não podemos ser como as crianças, mais honestos com relação aos nossos desejos? A ideia do Freud é justamente essa, que no final de uma análise, sejamos mais cuidadosos com nossos desejos. O que ocorre é que vamos crescendo, vamos abandonando nossos desejos, que não morrem, apenas são soterrados. O Freud gostava de uma frase do Virgílio na *Eneida*: “bastam duas gotas de sangue para acordar os antigos demônios”. São pequenos elementos do dia a dia que acordam nossos desejos soterrados. Esses desejos não vem à superfície do pensamento. Ao invés disso, viram sonhos. Ou melhor, os sonhos são uma maneira de realizá-los.

Mas todo o sonho é uma realização de desejo? Mesmo os ruins, os pesadelos? Sim, para o Freud, sim. Lembro de um sonho que ele conta no livro. Um bobo da corte sonha que havia sido mandado para a guilhotina, é levado para lá e tem a sua cabeça cortada. Terrível, não? Como pode esse sonho ser uma realização de desejo? Bom, novamente devemos associar em partes. Em massa o sonho é assustador — e só isso, não conseguimos avançar. Perguntaram: por que você, bobo da corte, foi mandado para a guilhotina? E ele respondeu: porque fiz uma piada com o rei e ele não gostou. Olha aí! Nem foi preciso ir tão longe. O desejo realizado nesse sonho é dizer alguma boa verdade àquele rei. A guilhotina é a consequência de ter já dito aquilo.

A nossa linguagem comum, as nossas expressões coloquiais, de certa forma, aproximam *sonho* e *desejo*. Dizemos “isso é um sonho para mim” quando queremos algo muito intensamente. (Só não confunda com sonho de padaria.)

Era mais ou menos assim que Freud interpretava os sonhos.

Um porém, contudo. Freud tinha tempo de sobra com seus pacientes. Eles os atendia todos os dias da semana, isto é, todos os dias úteis. E as análises duravam menos tempo. De um a dois anos. Hoje em dia é diferente. As análises duram vários anos, mas a frequência semanal é em geral de uma vez por semana, às vezes duas. Era comum o Freud ficar três, quatro, até cinco sessões trabalhando as partes dos sonhos. Perceba como essa técnica requer tempo, associar a partir de cada trecho do sonho, nos leva longe. Fico na dúvida se hoje em dia seria possível isso. Cinco sessões significa um mês todo de análise. E muita coisa acontece em um mês para ficarmos só em um sonho. Mas o que é possível e ele recomendava (como eu já disse), e que façamos isso nós mesmos com nossos próprios sonhos. De certa forma, a psicanálise nasceu de Freud analisando seus próprios sonhos.

3- Como a interpretação do sonho pode ser uma porta de entrada para o inconsciente?

Luiz Moreno Reino: Veja bem, o sonho em si é algo absurdo, muitas vezes sem sentido, enigmático e evanescente. Logo ele vira fumaça, como os charutos do Freud. Agora, pensando pela teoria de Freud, o sonho dá uma pista sobre o desejo, mas encobre este com camadas: distorce o desejo. Já a interpretação visa justamente fazer o trabalho contrário ao do sonho. Visa des-distorcer (existe essa palavra?) o desejo.

Agora por que as coisas (as representações) vão parar no inconsciente? O Freud afirma que é porque são “Eu-distônicas”. Eu-distônico significa que está em desacordo com o Eu do paciente. São desejos que o paciente preferia não ter, digamos assim. Atualmente está na moda dizer que vivemos em bolhas. É verdade. Mas talvez a maior bolha que vivemos seja o nosso próprio Eu. Essa frase me soou bem budista.

Vejamos o caso clássico dos ciúmes. Um homem ciumento (mas poderia ser uma mulher também) fica atento aos mínimos detalhes de interesse de sua mulher, procurando saber se ela tem ou não interesse por determinada pessoa. Ocupa a sessão inteira falando que foram numa festa e a esposa olhou para fulano, sentou perto de sicrano, riu da piadinha de beltrano... Ele está atento a ela. E não raro a acusa de tê-lo traído, nem que fosse em pensamento. Análise vai, análise vem. Pergunto o que ele acha desses homens? Desses homens que a mulher

supostamente se interessa. Ele fala bastante sobre isso. E dá para perceber que ele se considera menor que eles. São homens alfa, enquanto ele é um betão, ele mesmo diz. Dou corda e aos poucos ele vai contando mais. Logo percebo que ele sabe muito sobre cada um desses homens, ele é um *stalker* de todos eles. Acompanha à distância e virtualmente a vida de cada um. Estamos aqui em meio a teoria clássica do ciúmes. Às vezes, não sempre, o ciúmes nada mais é do que um desejo projetado. No fundo é ele que tem interesse por esses homens — e não ela. Só que essa ideia (essa representação) dele como alguém que se interessa por homens que considera melhor que ele não é bem-vinda... é eu-distônica. Por isso precisa ser recalçada. Só que ela volta, e com força. No caso, volta projetivamente na esposa. Na coitada da esposa. Numa Capitu da vida. Mas esse desejo não aceito pelo Eu poderia voltar na forma de um sonho. Entende?

Tudo que é eu-distônico, pelo caminho da interpretação, é uma porta para o inconsciente. Por isso que o Freud gostava dessas coisas que a gente faz fora do nosso controle, essas coisas espontâneas. Como o ato-falho, o erro, o chiste, o sonho, o sintoma...

Tem uma frase de um enxadrista russo (o Tartakower) que é assim: “Erro, logo sou”. Um amigo meu explica essa máxima: ela não quer dizer que “só sou quando erro, mas que a cada vez que erro se abre uma nova possibilidade de ser”.

O Freud é bem claro, a análise é uma “reconciliação com o recalçado”. É fazer as pazes com esses desejos que não assumimos como nossos, mas que ficam aí nos assombrando. A interpretação dos sonhos é um modo de ajudar nessa reconciliação.

4- Você poderia falar alguns tópicos da sua linha de terapia e comentar um caso específico que possa ter chamado a sua atenção?

Luiz Moreno Reino: Legal. Vamos lá.

Eu levei adiante uma teoria do Fabio Herrmann que tem me ajudado bastante na clínica como um todo. No final veremos que ela é uma tentativa de retomar a forma como Freud analisava. Chama-se *Teoria dos três tempos*. Ela é simples, eu gosto das coisas simples e claras.

Na década de 1980, no final dela, foi feito um congresso em Roma que se chamava *O solo comum da Psicanálise*. Nele os psicanalistas das mais distintas escolas se encontraram para ver se havia um elemento comum a todos eles. O resultado não foi muito animador: nós não nos entendemos. A imagem da Torre de Babel rondava os

corredores do congresso. Cada linha parece falar sua língua particular e não traduzível para as outras línguas psicanalíticas.

O Fabio então teve uma ideia de fazer um novo congresso, na verdade, um experimento. Os psicanalistas iam se reunir novamente, mas, ao invés de falarem sobre as ideias dos autores, ao invés de focarem na teoria, iam focar no relato clínico. A ideia era: não é possível que na clínica a gente não se entenda. Qual foi o resultado? Novamente um fracasso. Mesmo na clínica os analistas não se entendem.

Mas a pergunta continuou: por quê? Por que não nos entendemos? E a resposta que ele criou foi a tal da *Teoria dos três tempos*. Analisando as diferentes formas de fazer uma interpretação ele chegou à ideia de que os analistas dão ênfase à coisas diferentes. Há os psicanalistas que escutam mais as *palavras* dos pacientes, outros que enfatizam mais os *sentimentos*, e outros que focam na *história de vida* do paciente. Os lacanianos se apegam às palavras; os kleinianos e bionianos, aos sentimentos; e os freudianos, à história. A cada um desses ele deu um nome: tempo curto (palavra), tempo médio (sentimento), tempo longo (história). Então é possível encontrar interpretações que enfatizam as palavras, outras que enfatizam os sentimentos, e outras que enfatizam a repetição da história. O único psicanalista que conseguia habitar os três tempos ao mesmo tempo foi Freud. Não à toa, essas linhas nasceram dele. A ideia do Fabio é tentar voltar a escutar os pacientes levando em consideração os três tempos. Ah, esqueci de mencionar, *tempo* aqui é no sentido musical da palavra, tem a ver com o ritmo.

Vou terminar dando um exemplo do que considero interpretar um sonho nos três tempos. O caso clínico é do Fabio. Uma paciente conta um sonho: “Uma mariposa gigante me perseguia. Eu estava assustada, apavorada. Até que achei um lugar minimamente seguro para estar.” É interessante, não? Perseguida por uma mariposa, por algo tão inofensivo. A associação seguinte da paciente é contar uma história que já havia contado inúmeras vezes para o analista. A de que seus pais brigaram muito na infância dela, brigas violentas, brigas fusionais. Na verdade, a briga dos pais (não de agora, mas a da infância) era o pano de fundo da vida psíquica dessa mulher. O analista se atenta a palavra *fusionais*, brigas fusionais, como se os dois (pai e mãe) fossem um só. Marido + esposa = mariposa. No sonho, o casal era representado por uma mariposa. Quero ver existir um dicionário do sonhos em que no verbete *Mariposa* venha a descrição *casal que quase se mata*. Isso só pode surgir com a associação, e vamos combinar que o analista foi bem sagaz nesse caso. Bom, aí temos o tempo curto, o tempo da palavra que revela. O tempo médio, o tempo do sentimento é o drama que ela vivia diante desses pais: sentia-se perseguida, assustada, apavorada.

A interpretação dos sentimentos também são uma porta de entrada para o inconsciente. Um analista kleiniano, interpretando esse sonho, provavelmente teria focado nos sentimentos que ele desperta. Agora, o tempo longo, o tempo da história, é a forma como ela revive a cena com pais. No caso, revive de uma maneira diferente, reencontra um lugar “minimamente seguro” para estar. O que quer dizer que até então ela estava à mercê dessas brigas fusionais.

Isso tem me ajudado na clínica. Ao menos para fazer uma clínica mais livre e menos livresca.

Entrevista com Manoela Nicoletti

Entrevistadora: Dora Gragnano

Data: 15/09

Forma de realização: Entrevista online com respostas enviadas por escrito

Breve currículo da entrevistada:

Formada em psicologia, com especialização em Psicologia Analítica, construiu sua carreira trabalhando em hospitais por 10 anos com pacientes com transtornos alimentares e 25 anos atendendo pacientes em consultório. Participa ativamente de grupos de estudos relacionados a temas conceituais e atuais da Psicologia Analítica. Mora na Alemanha há 10 anos com sua família e seus 3 gatos.

1- Como a sua linha de terapia interpreta os sonhos?

Manoela Nicoletti: Na terapia que pratico, o sonho é visto como uma mensagem simbólica do inconsciente. Ele não fala de forma lógica, mas por imagens, metáforas e sensações. É através de imagens, por exemplo nos sonhos, que o inconsciente revela desejos, medos ou situações que ainda não conseguimos elaborar de forma consciente. Os sonhos ajudam a entender como a vida psíquica do paciente está naquele momento ajudando na elaboração do processo terapêutico por parte do paciente e do analista.

2- Como o psicanalista da sua preferência Jung interpreta os sonhos?

Manoela Nicoletti: Jung acreditava que os sonhos trazem símbolos que não são só pessoais, mas também universais (como arquétipos). Para ele, o sonho serve para equilibrar a psique e mostrar partes de nós que estão escondidas ou pouco desenvolvidas. Indicam caminhos possível para o processo terapêutico.

3- Como a análise do sonho pode ser uma porta de entrada para o inconsciente?

Manoela Nicoletti: O sonho funciona como uma janela para o que está pouco acessível a nossa consciência: medos, desejos, memórias, intuições. Se olharmos com atenção, podemos descobrir muito sobre nós mesmos.

As imagens que produzimos dormindo precisam ser “lidas” com olhos pouco convencionais, pois são produto daquilo que é social, universal, cultural, pessoal.

4- Você poderia falar alguns tópicos da sua linha de terapia e comentar um caso específico que possa ter chamado a sua atenção?

Manoela Nicoletti: Na psicologia Junguiana as imagens do sonho são produtos de conteúdos universais, pessoas, culturais e sociais e, portanto, não existe “dicionário universal dos sonhos”. Cada imagem precisa ser entendida a partir do sujeito, portanto é necessário a ampliação dos significados e sentidos.

O analista não dá respostas prontas, mas ajuda a pessoa a associar livremente e encontrar seu próprio sentido.

Falar sobre um caso específico é difícil, pois cada contexto e cliente são únicos. Mas para dar um exemplo simples do que estou falando:

Uma paciente jovem sonha que está grávida. É uma menina. Vai nascer em 7 meses. Poderíamos ampliar essa abordando diferentes questões: o que significa gravidez para ela? Como é vivência o próprio feminino e a sexualidade? Podemos falar sobre as mulheres da família.

4. ANÁLISE COMPARATIVA DAS ENTREVISTAS

As respostas de nossos entrevistados nos permitem perceber importantes diferenças e semelhanças entre as linhas psicanalíticas de Freud e Jung. É interessante notar que muitas décadas se passaram e a essência de cada linha permanece atual e continua em prática nos consultórios.

Sobre os símbolos oníricos os dois profissionais concordam que eles revelam desejos inconscientes, mas a oposição do esconder e revelar das linhas freudiana e junguiana pode ser verificada já na primeira pergunta. Moreno afirma que o objetivo do sonhar é realizar, de forma distorcida, a outra versão de si mesmo, que não cabe na identidade do paciente, ou seja, que conscientemente ele quer esconder. O analista cita como exemplo da paciente que em sua vida concreta quer se separar do marido, mas em seu sonho o desejo de continuar casada se revela ao se recusar a assinar um cheque ou aceitar visitas de outros homens. Já Manoela, entende o sonho como revelações de desejos e medos que ajudam o paciente a entender seu momento psíquico.

Ao serem questionados sobre a interpretação dos sonhos, Manoela cita a enorme importância dos símbolos pessoais e universais (arquétipos) no sentido de revelarem partes do nosso “Eu” que devem ser trabalhadas no tratamento psicológico, mas nos lembra, ao descrever os tópicos da linha Junguiana que, apesar dos sonhos serem produtos universais, eles devem ser entendidos a partir do paciente, ou seja, o analista não apresenta respostas prontas, consultando um dicionário de símbolos, mas ajuda seu paciente a associar livremente e encontrar seu próprio sentido para aquele sonho.

Para Luiz Moreno, a associação criada pelo paciente é também extremamente importante, mas para ele interpretar os sonhos é basicamente associar, não o sonho inteiro, mas sim seus fragmentos com a história e relatos do paciente, se atentando ao que Freud denominou “Mecanismos da formação dos sonhos”, que distorcem desejos realizando-os nos sonhos de maneiras modificadas. Note-se que ambos não procuram dar um sentido fixo aos símbolos, procuram as respostas nas associações do paciente.

Os dois profissionais concordam que a análise dos sonhos pode acessar o inconsciente. Para Moreno, quando conseguimos analisar um sonho, é como se nos reconciliássemos com nossos desejos reprimidos, de forma que, encarando nossos erros, coisas das quais nos envergonhamos, nossos atos-falhos, criamos uma nova possibilidade de aceitarmos quem realmente somos. Já para Manoela os sonhos não revelam apenas desejos reprimidos. Para ela, a análise do sonho deve incluir além do nível pessoal, tudo aquilo que é social, universal e cultural e está guardado em nosso inconsciente. Ela exemplifica, sua visão com o caso de uma mulher que sonha estar grávida de uma menina. Em sua interpretação, podem ser analisadas questões

personais como a gravidez, mas também questões sociais como o feminino e a relação entre mulheres.

5. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível compreender que os sonhos, desde os tempos mais remotos, despertam fascínio e curiosidade no ser humano. Do homem da antiguidade que associava os sonhos à mensagens divinas até os complexos estudos da psicanálise e da psicologia analítica, o sonho sempre se manteve como um espaço de mistério e reflexão. Ele é, ao mesmo tempo, individual e universal, íntimo e coletivo, concreto e simbólico.

A pesquisa mostrou que para ambos os autores estudados (Freud e Jung) o sonho é um mensageiro do inconsciente. Só que esse mensageiro parece trazer uma mensagem diferente para cada um deles. Para Freud, os símbolos do sonho são interpretados no contexto de uma história pessoal, e o trabalho de interpretação é possibilitar uma reconciliação com os desejos recalcados. Para Jung, os símbolos do sonho são interpretados em um contexto mais amplo que transcende a história pessoal, e o trabalho de interpretação é promover a individuação. Para um o inconsciente é individual, para outro é coletivo.

Os sonhos são uma estrada para o inconsciente para esses dois autores, só que essa estrada dá em lugares diferentes. Em Freud, ela dá na expressão de desejos reprimidos que, disfarçados por símbolos, buscam emergir à consciência. Já para Jung, essa estrada ultrapassa o nível pessoal e revelam-se como mensagens do inconsciente coletivo, carregadas de arquétipos universais que apontam para o processo de individuação e autoconhecimento. É difícil conjugar essas duas perspectivas, mesmo que elas não se anulem completamente. Parece olhares distintos sobre a mesma experiência humana.

Ao analisar entrevistas com profissionais de orientação freudiana e junguiana reencontramos essa diferença. Para Luiz Moreno, psicanalista freudiano, a interpretação do símbolo no sonho encontra uma história pessoal que amplia a identidade do paciente. Para Manoela, psicanalista junguiana, a interpretação do símbolo no sonho encontra um horizonte mais amplo, o coletivo. De tal forma que podemos concluir que essa diferenciação não ficou apenas no passado, mas ainda está viva na prática clínica de hoje. [OBJ]

6. REFERÊNCIAS

BRAGA, Fred. Análise do livro “*O homem e seus símbolos*” de Jung (vídeo). YouTube 15 agosto 2020

FREUD, Sigmund. *A psicologia do sonho: psicanálise para principiantes*. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Principis, 2022

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução de A. R. P. Monteiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2001

GOMES, Marcelo. *Criaturas da Mente* (documentário). Brasil; GloboNews, 2025

GRUBIN, David. *O Jovem Dr. Freud*. Estados Unidos: PBS, 2002

HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1995. Biblioteca Cultrix de Psicologia Junguiana

Jung, Carl Gustav. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964

MARTINS, JulianaGomes; PEREIRA, Luri Maiara; batista, Mayelle, SOUSA, Rômulo. *A interpretação dos sonhos na perspectiva psicanalítica*. Acadêmicos de Psicologia do CEULP/ULBRA

RESENDE, Ondina Lúcia Ceppas. *Conteúdo manifesto e conteúdo latente*. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Psicanálise, 2017

RIBEIRO, Sidarta. *O Oráculo da Noite: A História e a Ciência do Sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019